

Duas visões do Plano Brady

por Getulio Bittencourt
de Atlanta

O estudo básico sobre a dívida externa do Terceiro Mundo, que norteou os debates da Agenda Hemisférica do Carter Center na Universidade Emory, foi "Putting into Operation a Strategy of Debt Reduction" (Colocando em ação uma estratégia de redução da dívida), do professor Jeffrey Sachs, da Universidade de Harvard.

O texto de dezesseis páginas escrito por Sachs reconhece que o Plano Brady marca uma mudança fundamental da política americana sobre a dívida, enfatizando a redução e não a acumulação continuada de novas dívidas para pagar o serviço da anterior. "A iniciativa Brady oferece novas esperanças de que a crise da dívida possa ser resolvida rapidamente, e num caminho que promova recuperação na América

Latina e cooperação entre a América Latina e os Estados Unidos", diz ele.

Um crítico severo da política anterior de seu país, Jeffrey Sachs assinala aqui que "o mecanismo geral para obter a redução da dívida citado pelo secretário do Tesouro Nicholas Brady, é o mesmo advogado pelos governos latino-americanos no Grupo dos Oito. Especificamente, a redução da dívida é para ser obtida mediante um conjunto de transações em que os bancos credores concordam em reduzir o valor de seus ativos (tanto por meio de corte no principal quanto nos juros), em troca de uma garantia sobre o valor reduzido do débito remanescente. O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BIRD) serão, pela primeira vez, autorizados a jogar um papel no financiamento de vários mecanismos de redução da dívida, tanto

por meio de garantias dadas diretamente, ou por meio de empréstimos que poderão ser usados para prover as garantias".

Mas o professor de Harvard nota também que o Plano Brady é ainda muito vago, e deixa no ar diversas questões importantes, a saber: "Quanto da dívida deverá ser reduzido, e a que preço? Como serão estruturadas as negociações sobre essa questão? Qual será a extensão do apoio financeiro para operações de redução da dívida e quem proverá o suporte financeiro? Se um país devedor está em condição, o FMI e o BIRD certamente provêrão os recursos necessários para as garantias? Como as operações de redução da dívida serão ligadas, se forem, a novos empréstimos e a condicionalidades das instituições internacionais?"

Ele observa adiante que os grandes bancos comer-

ciais são importantes no desdobramento do plano. Um executivo sênior do Citibank recentemente me disse o seguinte: "Certoamente, o México vai conseguir sua redução da dívida. Nós não vamos dá-la, mas temos certeza de que outros bancos dirão". John Reed, presidente do conselho do Citibank, tem reconhecido que pequenos bancos estão vendendo seus títulos de países menos desenvolvidos com grandes descontos, que são "muito convenientes para aqueles entre os que vão ficar no longo prazo". Em termos práticos, o Citibank e alguns poucos outros grandes bancos nos EUA e no mundo são os principais franco-atiradores. "Se os poucos grandes bancos concordarem em participar de operações extensas de redução da dívida, todos os outros vão segui-los", raciocina Sachs.

A visão política sobre o plano foi apresentada no discurso do presidente venezuelano, Carlos Andrés Pérez.

"A posição do Grupo dos Oito foi tornada pública no mesmo dia em que Brady anunciou as linhas essenciais de ação do governo Bush, cujos princípios básicos coincidem com as propostas da América Latina e são em resumo a redação do volume da dívida, períodos de pagamento ampliados e aumento no fluxo de capitais", disse ele.

Andrés Pérez observou que o Plano Brady é uma iniciativa muito importante, mas que "sua implementação precisa ser imediata ou será tarde de mais". O presidente venezuelano disse ainda que o plano "precisa ser colocado ao lado do documento do Rio, para que nosso debate não centralize apenas na proposta dos Estados Unidos, sem a possibilidade de estender nossas discussões para um exercício político que irá mostrar que o Plano Brady não é final".

Ele sugeriu que se deve dizer ao governo do presidente Bush "que sua proposta é boa, uma das muitas boas propostas, e que nós precisamos nos encontrar e conversar sobre as iniciativas existentes — essa do secretário Brady, a do Grupo dos Oito do Rio de Janeiro, a do presidente Mitterrand, as iniciativas financeiras do Japão, todas objetivando encontrar uma solução para nossas preocupações".

Consenso nos EUA...

por Getulio Bittencourt
de Atlanta
(Continuação da 19 página)

que o Plano Brady contém uma dupla abordagem da dívida externa: uma mais geral, no campo dos princípios, já delineados pelo secretário do Tesouro, Nicholas Brady, e outra específica, que depende de negociações caso a caso.

"Também nos pusemos de acordo sobre isso", confirmaria Carlos Andrés Pérez. "Os princípios gerais que valem para todos precisam ser complementados por negociações caso a caso, porque cada país deve ter problemas diferentes", acrescentou.

Os principais debatedores norte-americanos — Carter, Ford e Baker — explicitamente ligaram os três itens da conferência num mesmo eixo: democracia, dívida externa e drogas. "Não se pode dissociar esses assuntos", ressaltou Carter.

O secretário Baker saudou em seu discurso o nascimento de uma nova era. "O Brasil está construindo satélites de comunicação. O México juntou-se ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT)", lembrou. "E os ventos da democracia se espalham pelo hemisfério, do Chile ao Paraguai até a América Central."

Ele faria referências aos chefes de Estado presentes, e mesmo a alguns ausentes, como o argentino Raúl Alfonsín e o uruguai Júlio Sanguinetti, mas não ao brasileiro José Sarney. A explicação técnica é que Baker estava se dirigindo a um conselho de chefes de Estado livremente eleitos, e a condição de eleito por um colégio eleitoral marginalizaria Sarney.

O secretário de Estado tocaria no ponto central enfrentado pelas jovens democracias latino-americanas ao dizer que "a onda democrática que envolve a América Latina hoje foi impulsionada pelas aspirações de vida melhor e liberdade das pessoas comuns. Agora uma questão, acima de todas, confronta este hemisfério: a democracia consegue concretizar (esses sonhos)?"

"A resposta precisa ser sim", afirmou Baker. Mais adiante, ele reconheceria que, "para crescer, a América Latina não pode continuar a ser exportadora líquida de capital. Em vez disso, precisa criar um clima para investimentos que traga de volta os capitais que saíram da região e atraia novos capitais. A dívida é um problema, mas é também um sintoma do problema".

O problema inclui a seu

ver reformas estruturais que desestatizem as economias da América Latina, evitem a moratória e redistribuam a renda interna mais equitativamente. Mas ele mostrou-se mais conciliador em relação ao outro ponto insistente da diplomacia norte-americana, o protecionismo.

"Se nós pedimos que a América Latina se libere do protecionismo que separa suas economias do livre fluxo do comércio de bens e serviços, então nós, também, precisamos confrontar o protecionismo nos Estados Unidos e reduzir as barreiras aos seus produtos", admitiu o secretário de Estado.

Falando depois de Baker, o deputado Jim Right diria que ele "falou por todos nós".

O espírito de cooperação deve espalhar-se por todo o continente. Precisamos restabelecer a confiança, para que a confiança seja a nova moeda diplomática americana na América Latina. Em relação ao Plano Brady, ele tem o espírito, que é bipartidário, de que a redução da dívida precisa ser de magnitude suficiente para assegurar aos devedores não só a recuperação do crescimento sustentado, mas também a recuperação da credibilidade financeira".